

Luta pela Terra em um País urbanizado

Após 23 anos, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil continua com proposta de Reforma Agrária

Ele sempre plantou o que os outros queriam, nunca havia criado os animais que desejava. Saiu do Mato Grosso há mais de dez anos para morar com a avó e acabou se envolvendo com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Ele é Valdir Martins, de 35 anos, casado, com dois filhos e tinha um sonho: fazer o que gosta. Hoje ele conta com grande alegria como foi concretizar seu desejo: “Quando peguei o lote foi ótimo. Ter um lugar seu, poder criar o que quiser é o sonho de todo mundo”. A satisfação com o que conquistou trouxe resultados: 200 pés de caqui, vacas leiteiras, plantação de milho, arroz e feijão. Sua vida está dividida entre seu pequeno terreno e o trabalho voluntário na Escola Nacional do movimento.

O mesmo aconteceu com o sogro de Valdir, Geci Bras dos Reis, de 64 anos, morador do mesmo assentamento do gênero no interior do estado de São Paulo. Ele sempre trabalhou em fazendas e mesmo depois de mudar para a cidade nunca desistiu de ter um pedaço de terra: “Eu só trabalhava para engordar barriga de fazendeiro. Eu queria minhas frutas para comer à vontade, leite, ter cavalo, galinha... Eu ficava na minha casinha e tudo o que quisesse tinha que comprar... Eu tinha o sonho de ter a minha propriedade”, conta. “É muito gostoso. Estou realizando aquilo que sonhei”, diz orgulhoso.

Polyana Francisco

Jornalista, formada pela Universidade Metodista de São Paulo, trabalhando na Editora Cedro (www.editoracedro.com.br) e na Zucoloto.Com (www.zucoloto.com). Desenvolve trabalhos na área de revisão, assessoria de imprensa e reportagem. É membro da Igreja Metodista no Brasil, atuando com liderança na área de jovens. polys_jornal@yahoo.com.br

Abstract: *The land issue in Brazil is crucial for the life of so many people. The article refers to the long struggle of the Landless Movement, the call for agrarian reform. Tensions, conflicts, sometimes violence, the issues of power struggle and depression. The relation of this movement with the church. This is a difficult matter that needs to be tackled so as to be understood.*

Como Valdir e Geci, milhares de pessoas também querem ter sua própria terra para plantar, cultivar seus alimentos, criar seus animais e ter uma vida tranqüila. É dessa vontade que surgiu, em 1984, o MST, com a proposta de lutar pela Reforma Agrária no País, fazendo a distribuição de terras improdutivas entre os pequenos produtores empobrecidos. A partir daí, começaram a ocupar terras públicas ou privadas para fazer valer este direito respaldado pela lei brasileira, que determina que se a terra não cumpre sua função social — como aproveitamento racional e adequado, preservando o meio ambiente — deve ser designada para fins de reforma agrária.

Após a ocupação, solicitam ao Governo a posse desses terrenos. Algumas vezes conseguem essa autorização, outras vezes precisam sair com ordens de despejo caso o proprietário prove o uso da terra. Quando conseguem, começam a organizar o assentamento.

Com essa estratégia o movimento cresceu, se desenvolveu, tornou-se um “ator político”, conforme cita o professor da Universidade de São Paulo, Bruno Konder Comparato. “Não tem como ignorar o movimento. Ele faz parte das decisões do país nos assuntos relacionados ao campo”, diz. Hoje, o movimento conta com o Congresso Nacional, evento que reúne toda a militância (de dirigentes a assentados) e estabelece as diretrizes do movimento para os anos seguintes; com a Marcha Nacional — seguem até Brasília, capital do Brasil, para protestarem; além de marchas locais e envolvimento em outros protestos, inclusive em parceria com outras entidades. São mais de 500 mil famílias — 2 milhões de pessoas — distribuídas em 24 estados brasileiros e uma organização com líderes que compõem direções locais, regionais e nacional.

Mas após quase 25 anos, a Reforma Agrária não foi feita de forma efetiva, ou seja, a política governamental ainda não favorece esses trabalhadores que buscam um lugar para produzir. O que vem acontecendo são desapropriações à medida que são feitas as ocupações. Em seu discurso, João Paulo Rodrigues, membro da direção nacional e que desde criança está no MST, acredita que o processo deve continuar sendo o mesmo, com todas as estratégias de luta e objetivos. “As nossas estratégias estão certas. Na medida em que você ocupa o latifúndio, organiza o trabalhador, mostra que os assentamentos são viáveis, as coisas acontecem”, relata. Segundo a assessoria de imprensa do movimento, 70% das ocupações têm a desapropriação concretizada e a posse de terra transferida para o MST.

Outros pesquisadores também acreditam na eficiência da tática do movimento, mas para Zander Navarro, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade de Sussex, na Inglaterra, “é evidente que o MST

© Polyana Francisco

Legenda: Família de Valdir Martins (ao centro) em sua casa no loteamento Nova Esperança, em São José dos Campos, interior de São Paulo. No canto direito, Geci Bras dos Reis



poderia desenvolver outras estratégias, muito mais progressistas e claramente a favor dos mais pobres do campo, se quisesse". Para o professor, a sociedade mudou, o Brasil se urbanizou e as idéias propostas pelo MST nos anos 80 não valem mais. Até mesmo a reforma agrária é colocada para ser repensada na visão de Zander. "Sou a favor da reforma agrária, mas é preciso fazer a 'leitura dos tempos'. O Brasil urbanizou-se notavelmente nos últimos trinta anos e sua agricultura também. Atualmente, uma política como essa faz sentido apenas no Brasil do 'polígono das secas', onde está concentrada metade da pobreza rural em nosso país. Nas demais regiões, representa apenas um equívoco e um imenso desperdício de fundos públicos", lembra. Sobre a proposta de Reforma Agrária, até mesmo João Pedro Stédile, um dos mais famosos líderes do movimento, em entrevista ao site do MST, declara que o formato clássico da reforma está esgotado e propõe um novo modelo.

As soluções apontadas para resolver definitivamente essa questão sempre destacam que o Governo precisa ser dedicado inteiramente a eles. "O dia em que o governo for dos trabalhadores é



que vai sair a reforma agrária”, fala João Paulo Rodrigues. Já o professor Bruno Konder Comparato fala da importância da conscientização: “Só vai existir reforma agrária quando o País perceber que sem ela o desenvolvimento do Brasil fica travado. A maioria não chegou nesse ponto ainda”. Para eles, todos os esforços foram feitos, agora só resta esperar por um governo a favor da reforma agrária e que consiga concretizá-la.

Muito além da Reforma

Mas não é somente pela Reforma Agrária que luta o MST. Um de seus objetivos iniciais e que até hoje permanece é realizar a reforma socialista. “Nós vamos incentivar todos para que transformem a economia capitalista numa economia socialista, que garanta direitos sociais, que possa distribuir renda, educação e saúde”, explica João Paulo.

Mas o professor Marco Antônio Mitidiero Júnior, da Universidade Federal da Paraíba, discorda de que isso seja possível. Mesmo que puguem essa filosofia, ele acha que os caminhos escolhidos apontam para outro lado. “Embora encontremos a idéia de revolução socialista em alguns discursos das lideranças do MST, na prática, o movimento não tende para ações, por exemplo, de guerrilha ou de tomada do poder”, relata.

Outro tipo de luta dentro do MST está ligada às injustiças sociais de forma geral, contra a privatização das empresas estatais no Brasil, contra a reforma da previdência, contra a agroindústria, a favor de uma educação melhor para todos, a favor do meio ambiente, etc. “O MST quer um país mais justo para todos; isso está na essência do movimento”, destaca Marco Antônio.

Na visão do professor Zander, esse desvio de foco somente prova as dificuldades políticas que o movimento enfrenta, principalmente, no que diz respeito à sua existência na atualidade. Ele destaca, inclusive, a luta contra os transgênicos, “quando mais da metade da agricultura brasileira já utiliza tais produtos”; o combate ao agronegócio como “uma proposta absurda, sem qualquer racionalidade, em face do que é a agricultura brasileira, inclusive porque boa parte dos sem-terra, ao serem assentados, imediatamente buscam inserir-se no agronegócio, como única forma de sobrevivência”.

Visão interna

Mas Zander Navarro não tem somente essa crítica ao MST. Para ele, muitos pesquisadores têm uma “leitura romântica” do movimento por não o conhecerem internamente. Para ele, os estudiosos fazem uma pesquisa superficial e “são facilmente levados pelo discurso dominante dos líderes do MST”.

Sua primeira crítica é em relação a falta de democracia interna. “A estruturação interna do movimento é profundamente não-democrática, pois assenta-se em uma hierarquização que não é legítima do ponto de vista político, não tem representatividade alguma na sua base social, não é transparente e seus líderes não prestam contas de nada. Esta estruturação interna permite, inclusive, que a base social seja manipulada ostensivamente”. O processo de escolha dos dirigentes, por exemplo, acontece por indicação e não por eleição e o próprio João Paulo explica: “As pessoas não querem largar o trabalho da roça para ficar em tarefas administrativas. Não há disputa, não há eleição nesse processo”.

Outra crítica é em relação à não-institucionalização do MST, ou seja, o movimento não tem registro legal como outras organizações civis. “São óbvios os equívocos políticos do MST em sua história, pois insiste em manter-se sem registro, apelando para uma miríade de organizações subordinadas, especialmente cooperativas, as quais obtêm fundos públicos que são então, em boa parte, utilizados irregularmente para os objetivos não públicos da organização.” E finaliza: “Poderia me estender aqui longamente, mas apenas acentuo a flagrante incoerência de uma organização que prega comportamentos democráticos “para os outros, mas não para si mesma”.

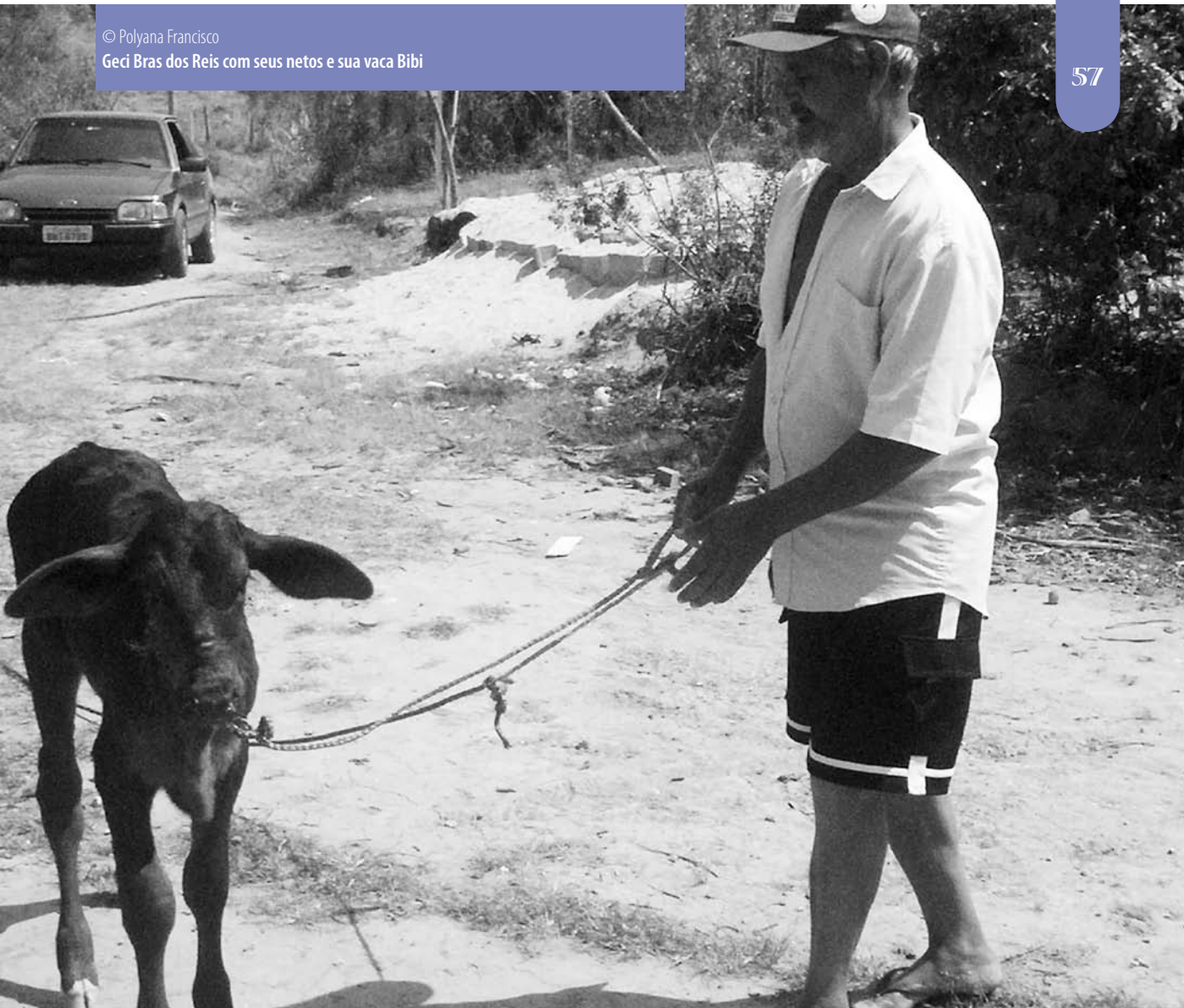
Governo: sempre uma relação problemática

Desde que o Brasil tornou-se um país democrático, com eleições diretas, e até mesmo antes, os governos nunca desenvolveram políticas efetivas para a realização da Reforma Agrária. Algumas promessas e projetos foram feitos, mas nunca colocados em prática. Essas ocorrências constantes fizeram o movimento desacreditar de que, por meio de ações governamentais, eles pudessem conquistar as tão sonhadas terras. “Nós temos uma descrença muito grande em achar que o governo resolve. Nós não tivemos força política em nenhum governo que tivesse vontade de fazer a reforma agrária”, relembra João Paulo.

Para o professor Marco Antônio Mitidiero Júnior, a bancada ruralista é muito forte no Congresso Federal, mesmo com um governo de esquerda (atualmente o Partido dos Trabalhadores está na presidência, com o Lula), e impede que ações mais efetivas sejam tomadas. “Acho difícil apostar em um futuro governo, independente do partido político, que realize uma reestruturação na distribuição das terras brasileiras”, analisa. É por esta descrença, por exemplo, que os militantes não se envolvem com a política, porque acreditam que quando chegarem ao poder podem “ir para o outro lado e trair o movimento”, conforme discorre João Paulo.

© Polyana Francisco

Geci Bras dos Reis com seus netos e sua vaca Bibi



© Polyana Franciso

Valdir Martins apresenta, com o filho, parte da sua plantação, parte da horta

Apesar desta relação, tudo o que querem são ações governamentais. Depois de conseguirem serem assentados por meio de um órgão federal, buscam créditos de moradia, créditos de produção, educação e assim sucessivamente. Eles reconhecem que precisam do Governo e é isso que procuram.

Educação

Algo importante na vida do MST é a educação. Todos os acampamentos e assentamentos têm uma escola e o movimento tem uma Escola Nacional com cursos de Educação Superior nas áreas de humanas e ciências políticas. **“Tão importante quanto a terra é a educação. É uma forma de ser camponês com dignidade, saber elaborar seu projeto, saber fazer uma discussão na sua comunidade, discutir com o banco, saber escrever sua pauta de reivindicação”,** fala João Paulo. O dirigente está no movimento desde criança e acredita que a educação familiar e o fato de estar envolvido no MST o ajudaram a conquistar rumos nos estudos.

Para ele, esse é um jeito de conseguir crescer, pois não é somente aprender a ler e escrever, mas é uma educação cultural. **“Há orientação política dentro do MST. Nós queremos que o assentamento tenha pessoas com um nível de cultura mínima para abrir horizontes. Nós queremos assentados que tenham dignidade”,** diz.

Valdir Martins confirma: **“A questão do ensino é fundamental para as crianças e adultos também, pois nós temos mecanismos para inserir essas pessoas, para que tenham oportunidade de voltar a estudar”.**

É inclusive na área de educação que acontecem alguns intercâmbios com outros países. Cuba, por exemplo, oferece bolsas de estudo para militantes do MST estudarem medicina. E a relação com outros países da América Latina ocorre, principalmente, por meio da Via Campesina, proporcionando troca de conhecimento. Outros países da Europa

e América do Norte oferecem apoio político através dos Comitês Amigos do MST.

Cristão de nascimento

A criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra está diretamente ligada à Igreja Católica, por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Foi ela que em meados dos anos 70 começou com a luta no campo. Já nos anos 80, juntou um grupo de trabalhadores e fundou o MST. Hoje, a relação do MST com a Igreja Católica reflete um momento de respeito e independência para os dois grupos. “Essa relação de autonomia tem que existir, pois a igreja tem um jeito de trabalhar e nós temos o nosso jeito e nossa forma”, diz João Paulo.

Dom Luiz Demétrio Valentini, bispo membro da comissão episcopal para o serviço da caridade da justiça e da paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil reforça a idéia de que essa autonomia é importante para o movimento. “Foi uma decisão muito acertada e estratégica. A partir daí o movimento se sentiu mais legitimado e pode então se firmar como um movimento social. O MST tem plena autonomia de organização e estabelecimento de seus objetivos e estratégias.”

Depois de mais de 20 anos, o balanço de dom Demétrio é positivo sobre a evolução do MST e os caminhos escolhidos. “Nós observamos com satisfação o que se consolidou, sobretudo nos processos formativos, na formação de liderança e depois na descentralização de responsabilidades para não haver caciques que dominam. É um movimento que tem uma convicção democrática muito arraigada. É uma sorte para o país ter um movimento impregnado de democracia de maneira profunda.”

Balanço

Muitas discussões acontecem em torno do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O fato é que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra consegue assentar muitas famílias, mesmo sem ter sua reforma agrária. Às vezes acontecem conflitos no campo contra a polícia ou fazendeiros que tentam defender suas terras. O balanço de João Paulo Rodrigues é positivo: “O MST conseguiu, com todas as dificuldades, ser uma referência como movimento social não só no Brasil, mas na América Latina. E lutando contra tudo e todos: contra a mídia, contra o latifúndio, estado, contra o grande capital”.

MST em números

150 mil famílias acampadas

900 acampamentos

370 mil famílias assentadas

2 milhões de pessoas

Presentes em 24 Estados **Brasileiros (não estão no Acre e Amazonas)**

Para saber mais

- Reforma Agrária: o Impossível Diálogo

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Autor: José de Souza Martins

- O Sujeito Oculto (Ordem e transgressão na reforma agrária)

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Autor: José de Souza Martins

- A História da Luta pela Terra e o MST

Editora Expressão Popular

Autora: Mitsue Morissawa

- Brava Gente

Editora Fundação Perseu Abramo, 1999

Autores: Bernardo Mançano Fernandes e João Pedro Stedile

- Rompendo a Cerca

Editora Casa Amarela

Autoras: Sue Branford e Jan Rocha

- site www.mst.org.br

- Na internet você também encontra diversos artigos sobre o tema

Outras Organizações

Existem também outros movimentos de lutas sociais e de luta pela terra no Brasil. O MST desenvolve parcerias com algumas dessas organizações. Abaixo, veja outras frentes de luta nessa área:

MLST (Movimento de Libertação dos Sem-Terra)

MLT (Movimento de Luta pela Terra) – www.mlt.org.br
MAST (Movimento dos Agricultores Sem-Terra)
Grito dos Excluídos – <http://gritodosexcluidos.com.br>

Fontes desta matéria

- Site do MST: www.mst.org.br
- Site Veja On-line: Reforma Agrária: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/reforma_agraria/index.html
- MARTINS, José de Souza . REFORMA AGRÁRIA – O IMPOSSÍVEL DIÁLOGO, 1ª edição/1ª reimpressão, Edusp, São Paulo, 2004. 1/1. ed. São Paulo: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 2004. v. 1. 176 p.

